



Cura-te na Umbanda

© 2026 – Sérgio Navarro Teixeira

Cura-te na Umbanda

HOSPITAL E ACOLHIMENTO

SÉRGIO NAVARRO TEIXEIRA

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens
ISBN 978-65-5727-213-8
1ª Edição – 2026

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Teixeira, Sérgio Navarro

Cura-te na Umbanda: hospital e acolhimento /
Sérgio Navarro Teixeira – Limeira, SP: **EDITORA DO
CONHECIMENTO**, 2026.

160 p.

ISBN: 978-65-5727-213-8-

1. 2. I. Título I

26-

CDD – 299

Índice para catálogo sistemático:

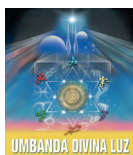
1.

SÉRGIO NAVARRO TEIXEIRA

Cura-te na Umbanda

HOSPITAL E ACOLHIMENTO

1ª edição – 2026



Sumário

Introdução	7
------------------	---

Parte I

Eu na Umbanda

1 Somos espíritos vivendo uma experiência humana...	15
O corpo	16
A alma.....	22
Corpo, alma e mente alinhados: ambiente saudável	26
2 A produção de fluidos.....	31
Ectoplasma e saúde.....	33
3 A fonte mental.....	38
“Campos de força”	42
Frequências e sintonia.....	43
Concentração	46
Psicoesfera/ambiente astral	48
Formas mentais (ou “formas-pensamento”) ...	50
A produção mental doentia.....	53
Conclusão.....	56

Parte II

Nós e a Umbanda

4 Sobre o ambiente das sessões	63
Ambiente sem defumação e sem tambor	81
5 Circuito espiritual e seus componentes.....	83
Médiuns, médicos e enfermeiros.....	88
Os operadores no circuito	94
Operadores verticais	94
Médiuns no passe.....	97
O passe.....	98

Operadores horizontais	101
6 Operações no “trabalho de banco”	104
Descargas	104
Doação de fluidos/ectoplasma	108
Aplicações na saúde e na cura de lesões.....	110
no corpo astral	110
Desmanche de magia	112
Choque anímico	112
O controle da carga sobre os médiuns de banco	116
O momento da radiação.....	119
Arrumando a casa	123
Racionalização de energia e fluidos	124
Fadiga fluídica.....	126
Tamanho da equipe x sobrecarga.....	127
7 Sobre as consultas nos.....	131
terreiros de Umbanda	131
8 A sessão de passe e radiação comentada por fases.....	138
Fase 1 — preparação vibratória	140
Fase 2 — incorporação dos médiuns passistas	142
Fase 3 — início dos trabalhos de caridade.....	143
Fase 4 — a radiação aos ausentes.....	146
Fase 5 — corrente de saúde e paz	149
Fase 6 — passe para os “filhos de pemba”	150
Fase 7 — autopasse dos bojás.....	151
Fase 8 — desincorporação dos abarés-mirins e bojás-guaçus.....	152
Fase 9 — desincorporação dos abarés.....	152
Fase 10 — desincorporação dos abarés-guaçus e do morubixaba	152
Fase 11 — encerramento da sessão	153
9 Palavras finais	154

Introdução

Queridos irmãos e irmãs de fé,
Vivemos tempos de transição e transformação. É crescente a ansiedade causada pelo descompasso entre as mudanças no mundo concreto, cada vez mais rápidas, e a capacidade de adaptação do nosso mundo mental e emocional. Assim, estamos tornando nosso mundo íntimo doente, o que reflete diretamente na sociedade em que estamos inseridos, em que a degradação do ambiente social é nítida.

Alguns têm a sensação de que a humanidade regrediu — apesar de tantos avanços tecnológicos —, pois parece que ela esqueceu pelo caminho seus melhores valores éticos e morais, desconectando-se dos saberes ancestrais que nos abriram os caminhos do conhecimento.

Tornamo-nos extremamente individualistas, munidos de aparatos modernos que auxiliam em termos de velocidade e de dinamização de processos. Fomos convencidos de que a “inteligência artificial” pode elaborar tudo e nos entregar a felicidade na palma da mão por meio dos *smartphones*. Nossa cultura civilizatória deixou de ser baseada na necessidade para o imediato atendimento aos desejos, pois o negócio é consumir sem medir as consequências. “Eu quero, eu posso!”. Parece coisa de criança mimada.

Os especialistas comentam como esse comportamento foi lentamente “infantilizando” emocionalmente a mente das pessoas. Ora, um adulto de mentalidade infantil é sensível a superstições, a medos infundados e a uma fragilidade que o impedem de

assumir responsabilidade diante de sua vida. E, pior, desenvolve outra qualidade típica da infância: a desobediência. Essa “criança adulta” dos dias de hoje não quer mais obedecer passivamente à vontade de seus “pais”. E que fique bem entendido que, quando cito “pais”, refiro-me à ancestralidade e seus mestres. Rebeldia é algo normal na juventude biológica, pois o ímpeto juvenil sempre foi força propulsora que provocou e impulsionou a humanidade a se questionar e a se renovar. Porém, uma mentalidade adulta é conquistada pelo amadurecimento trazido com o tempo, estudo e vivência. É o que se espera de alguém que quer assumir um lugar de destaque. Enquanto novas lideranças estão sendo preparadas, é preciso que haja “adultos na sala”, principalmente quando se trata de questões tão sérias como o sacerdócio e o cuidado de pessoas que buscam socorro na fé.

Não são suficientes os “magos”, *influencers* e terapeutas holísticos formados pela internet, porque uma pessoa mal preparada para o que se propõe será facilmente manipulada por seres do astral que não querem o progresso da humanidade. Em geral, embriagados pela popularidade, esses *influencers* só se prestam para manter seguidores em um estado de plateia passiva, enquanto no mundo real as pessoas sofrem com os estragos causados por tantos anos de irresponsabilidade com seus pensamentos.

A espiritualidade nos alerta: há um grave processo epidêmico em face do aumento dessa nuvem tóxica de origem mental que contamina o plano sutil, que vem deprimindo cada vez mais multidões mundo afora. Intoxicada, a psicoesfera das pessoas vem servindo de alimento para inúmeras almas que vagueiam nos planos inferiores do astral como moscas farejando chagas abertas. Diariamente, muitos se tornam alvos desses seres que não desistem de manter suas vítimas “supuradas”, capazes de fornecer os fluidos vitais que tanto lhes interessam.

A Umbanda sempre esteve na “linha de frente” do justo combate a essa praga no astral liderada por grandes mestres espirituais, que, ininterruptamen-

te, nos conduziram em segurança e estabilidade. Entretanto, parece-me que já há algum tempo estamos descuidados de nossa responsabilidade religiosa. Muitos irmãos deixaram de seguir o caminho dos mestres como se estivessem acampados, confortavelmente, com suas comunidades, em belas e idílicas pradarias, completamente alienados dos perigos do astral inferior ao seu redor. Porém, todo dia as feras saem das sombras e derrubam mais um incauto...

Os caminhos da Umbanda foram abertos na primeira metade do século XX, em um período sacudido por duas grandes guerras mundiais. As novas gerações talvez não saibam, mas toda guerra vai muito além dos campos de batalha: são tempos de escassez material e desesperança; de ditaduras, injustiças e prisões; tempos de milhares de mortos e lágrimas. São tempos de formação de sinistras egrégoras no astral, o que se deu em particular durante a Segunda Guerra Mundial. Tentem imaginar o ambiente espiritual do planeta naqueles tempos, irmãos.

Este autor se desenvolveu na Escola do Caboclo Mirim, minha grande referência. Posso dizer que nosso saudoso Benjamin Gonçalves Figueiredo, seu aparelho, sempre caminhou ao lado de inúmeros e anônimos umbandistas sérios e comprometidos com nossa fé, independentemente, inclusive, da ritualística em seus terreiros. Unidas pelo mesmo ideal, várias lideranças espirituais mobilizaram sua gente para o tratamento das feridas deixadas na aura do planeta e da humanidade, principalmente após a queda do nazismo/fascismo na Segunda Guerra Mundial. Com o fim da Ditadura Vargas em 1945, Mirim encontrou um ambiente sociocultural propício para introduzir mudanças importantes em um trabalho conduzido há mais de 30 anos em sua Tenda no Rio de Janeiro. Na época, seu terreiro foi potencializado com o dinamismo de grandes correntes energéticas, aperfeiçoando e forjando uma Umbanda de muito trabalho coletivo e socorro espiritual em proporções nunca vistas. Nesse período, as “mesas de umbanda” perderam seu lugar para permitir trabalhos de

desobsessão e limpeza astral por meio do vigoroso “trabalho de banco”, sobre o qual trataremos no decorrer deste livro.

Para Caboclo Mirim, a verdadeira caridade começa no tratamento e fortalecimento da alma, com estímulo ao enobrecimento dos propósitos de cada filho em sua encarnação, para, a partir daí, serem criadas as condições para cada um despertar em si os melhores valores de fé e amor ao próximo em seus corações. Afinal, “uma alma que se eleva, eleva o mundo”! Só assim, com cada um fazendo o que está a seu alcance, é possível um renascer vibratório multiplicado entre nosso povo. É a Umbanda, como hospital espiritual, a oportunidade de despertar o íntimo e progresso de toda nossa sociedade.

Neste início do século XXI, a espiritualidade novamente nos convoca a ser exemplo, devido à urgência de ensinarmos nossa gente a caminhar assumindo responsabilidades, praticando uma “espiritualidade ativa” em que cada um comece por cuidar de si próprio. Em que pese o poder e o amor divino emanados dos orixás que sentimos pulsar em nossas almas quando estamos nos terreiros de Umbanda, o momento clama por um passo além da fé devocional. Fé sem ação não transforma! Há de se potencializar o orixá vivo em nós, propagando a luz que cura e acolhe, tornando, cada um, uma “fonte de irradiação permanente para a boa manutenção do bem ao próximo”, segundo Caboclo Mirim.

A Umbanda pode e deve reassumir seu papel de hospital espiritual. Para tanto, devemos unir nossos valores em espírito e verdade, para, realmente, permitir que os guias de luz de nossa fé reestabeleçam os pilares de um trabalho mediúnico coletivo extremamente eficaz, em sessões de caridade que vão além de paliativos, libertando verdadeiramente nossa gente dos grilhões de obsessores e larvas astrais que cada dia mais alcançam mais influência em nosso mundo contemporâneo.

Com esta obra, visa-se a expor os processos ocultos que ocorrem em uma sessão de desobsessão,

utilizando-se de metáforas e analogias para simplificar a demonstração. Não é tarefa fácil descrever o turbilhão de energias e eventos simultâneos que a egrégora de uma Tenda promove em uma sessão, mas não sou de fugir de desafios.

Gostaria de registrar que, para trazer este livro até meus irmãos, eu comecei, claro, relembrando minha vivência na Umbanda e das palavras dos guias que me orientam; mas também tive a oportunidade de entrevistar alguns dirigentes bastante experientes nesse tipo de trabalho, como a querida D. Jandira, Comandante da filial da Tenda Mirim em Petrópolis (RJ), conseguindo assim, ampliar meu próprio entendimento sobre a sessão.^[1]

Durante a elaboração deste trabalho, lembrei-me várias vezes das palavras de um dos maiores cientistas da História, o genial Isaac Newton: “Se vi mais longe foi por estar de pé sobre ombros de gigantes”.

Além da vivência de terreiro, deve-se enriquecer um livro com material oriundo de pesquisas sérias. Para isso, contei com a trilha aberta por quem abordou o assunto no passado, o que muito acrescentou para a formação de um painel maior e mais completo sobre o tema. Dentre muitos, cito em especial os trabalhos de Edgard Armond (*Passes e Radiações*^[2] – 1ª edição em 1950); espírito André Luiz através de Chico Xavier e Waldo Vieira (*Mecanismos da Mediunidade*^[3] – 1ª edição em 1960); professor Carlos Pastorino (*Técnica da Mediunidade*^[4] – 1ª edição em 1968), um autor que, como eu, acredita na possibilidade futura de a ciência, a filosofia e a religião “falarem” a mesma linguagem.

Por fim, rogo ao Caboclo Mirim que abençoe os

[1] Convém informar que quase todas as imagens apresentadas no livro foram criadas pelo autor, com a ajuda de programas com ferramentas de inteligência artificial (IA).

[2] ARMOND, Edgard. *Passes e radiações: métodos espíritas de cura*. 4. ed. São Paulo: Aliança, 2015.

[3] LUIZ, André. (Espírito). *Mecanismos da mediunidade*. Psicografado por Chico Xavier e Waldo Vieira. 28. ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2019 (Coleção A vida no mundo espiritual, 11).

[4] PASTORINO, Carlos Torres. *Técnica da mediunidade*. Sabedoria, 1975.

esforços de cada um de seus eternos alunos para que a Umbanda continue firme no propósito de ser realmente caminho de libertação de almas!

Será pelo princípio da própria correção íntima que poderemos dar de graça, aos pobres de espírito, aquele tesouro que armazenamos na alma (Caboclo Mirim).

Parte I
Eu na Umbanda



1 Somos espíritos vivendo uma experiência humana

Sendo a Umbanda uma religião curadora e a Tenda um grande hospital espiritual, onde pessoas buscam saúde, harmonia e paz de espírito, é fundamental que estudemos e conheçamos a complexidade e a beleza que compõem o ser humano. Nossa humanidade é uma coletividade de espíritos encarnados, vivendo uma experiência no mundo material. Quando a Umbanda se propõe a curar, o verdadeiro trabalho é mudar o padrão vibratório daquele que a procura, ensinando-o a produzir novas emanções mentais e bons fluidos em torno de si, o que, necessariamente, produzirá grandes transformações. Cabe lembrar que um dia fomos nós os doentes em busca de nos conhecer e de nossa harmonia íntima. Nunca devemos nos esquecer disso, para seguirmos com honestidade e empatia, ofertando um caminho de cura para os nossos irmãos que agora batem à porta da Tenda.

Como umbandistas auxiliando os guias no hospital espiritual, é importante entender a conjunção de elementos envolvidos nos processos de cura, somando novos conhecimentos às nossas experiências.

Cada pessoa é a soma de uma parte sutil e espiritual conectada a um corpo físico, orgânico, como qualquer animal; por isso, nos processos de desequilíbrios, há de se observar qual região está escondendo a raiz do problema, a qual, se tratada inicialmente, trará bem-estar. Há causas provocadas a partir da realidade física que atrapalham todo o

conjunto; ou desequilíbrios no plano energético/espiritual que podem ser somatizados no corpo biológico. De qualquer maneira, geralmente somos os primeiros responsáveis por nossa cura, mesmo que a espiritualidade nunca deixe de nos amparar em nossos esforços.

O corpo

O corpo é, basicamente, o nosso grande portal para o mundo exterior, pois é ele que conecta o nosso psicossoma (alma/mente) a tudo que está lá fora. Costumamos pensar em autoconhecimento como algo puramente mental, mas a nossa saúde e bem-estar — que aparecem através do corpo — também contam muito sobre quem somos e o que estamos fazendo de certo ou errado na vida.

A mente recebe estímulos de todos os lados, o tempo todo. Assim, é normal que fique meio perdida de vez em quando. O corpo, por outro lado, fala de um jeito muito mais direto. Se você sente uma dor ou alguma sensação ruim, é sinal de que algo saiu do equilíbrio. Como eu disse, às vezes a causa é física; outras, no campo sutil. Porém, de um jeito ou de outro isso acaba aparecendo no corpo. Por isso, é importante prestar atenção a esses sinais e entender o que eles querem dizer. Dessa forma, dá para tomar as atitudes certas para recuperar o equilíbrio, a saúde e o bem-estar.

Curiosamente, quase todas as religiões parecem rejeitar o corpo físico, em especial as de influência cristã, que desenvolveram um dualismo extremo entre a “pureza da alma” e o “corpo”, talvez por uma interpretação tacanha do texto bíblico do “pecado original”. Nessa passagem, Adão e Eva se envergonham de seus corpos após comerem o “fruto proibido”, um simbolismo que ainda hoje permeia a cultura ocidental, estimulando essa concepção dualista. Por causa disso, através dos séculos o corpo passou a ser associado à matéria, à culpa e ao pecado. No entanto, é ele que sustenta nossas vidas na

Terra! É através do corpo que a alma se conecta com o mundo, que respira e vive!

O corpo realiza verdadeiros milagres diariamente. Já pensaram no que acontece quando nos alimentamos? Nosso corpo transforma matéria em nutrientes no sangue, separando seus componentes e os enviando exatamente para onde são necessários. Respirar é outro exemplo: não respiramos conscientemente — é o corpo que cuida disso, mesmo enquanto dormimos. O ar que entra nos pulmões está cheio de elementos nocivos, mas o corpo sabe filtrar o que é vital e eliminar o que é perigoso, como o dióxido de carbono. E de quanto oxigênio nosso cérebro precisa para funcionar? Com apenas seis minutos sem oxigênio, entramos em coma. Ou seja, o corpo não falha em fornecer a quantidade exata de que precisamos. Há uma precisão tão extraordinária na máquina humana que sua operação foi mantida fora do nosso controle — talvez porque, se estivéssemos no comando, poderíamos destruí-la.

O corpo físico é a grande escola da vida! Ele é real, honesto, autêntico. Devemos, portanto, cultivar respeito, amor e gratidão pela oportunidade de habitar a matéria. Edgard Armond nos lembra, em “Passes e Radiações” (2015, p. 9), que “o corpo humano é o santuário do Espírito encarnado”, reforçando como é séria a responsabilidade que toca ao homem encarnado de zelar e responder pela conservação, pelo equilíbrio e harmonia funcional desse corpo.

Para a Umbanda, o corpo não está ali apenas como espectador, pois ele participa ativamente do dia a dia dos trabalhos. Em nossos primeiros passos no terreiro, é pelo bater forte do coração, pela respiração alterada, pelo arrepio na pele e até pela dança em cada gira que sentimos a presença de um universo espiritual maior que nos acolhe. Oxóssi ensina pelo corpo antes mesmo das palavras, irmãos.

O nosso corpo tem um grande valor e, por isso, devemos dar-lhe todo o cuidado necessário,

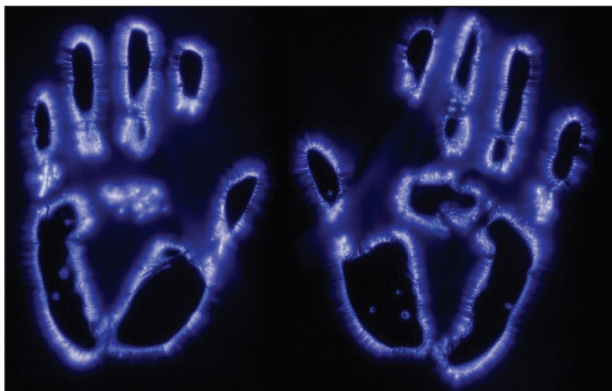
procurando, pela escola de disciplina física, o caminho mais saudável para que ele se sinta perfeitamente à vontade. (...) E, então, expandindo-se como pode e deve, fornecer, em princípio, os meios de utilidade para que o nosso espírito os aproveite, encontrando a sua própria oportunidade (Caboclo Mirim).

Nós, espiritualistas, não incentivamos a dualidade “corpo x espírito” porque temos a exata noção de que toda matéria densa e palpável é também energia, em um estado mais lento de vibração, à qual nomeamos “energia condensada”. O estado aparente das coisas é uma interpretação que advém da percepção de nossos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato), mas há outras realidades além dos olhos. Pensemos nos estados da água: a mesma água que está nas nuvens nos céus no estado gasoso, ao se resfriar, condensa-se, e a veremos como chuva que, no solo, formará rios, lagos e oceanos. E mais: sob frio intenso, essa mesma água será gelo, sólido como pedra. Caboclo Mirim ensinava que nosso corpo material é também energia condensada e, como toda energia, teve origem da fonte primeva — a Vida Suprema — o Criador.

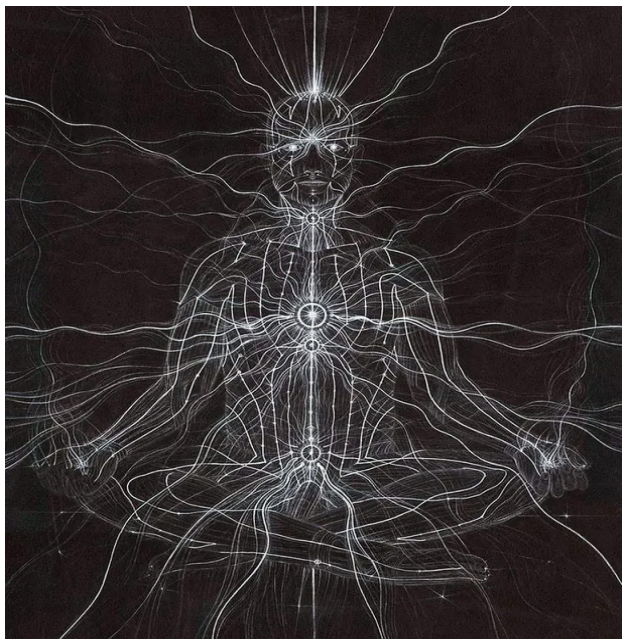
Como um “santuário do espírito encarnado”, devemos cuidar do nosso aparelho físico para que ele esteja em posição de produzir uma vibração sadia, fornecendo os elementos necessários para que o espírito vinculado entenda verdadeiramente o que é a escola da vida por meio de suas experiências. Cuidar do corpo, assumindo responsabilidades por meio de nossas atitudes, é o primeiro passo para viver a Umbanda, o que Mirim chamou de “escola de disciplina física”. A seus filhos de Umbanda, Caboclo Mirim ensinava que não se tratava apenas de um conselho, mas de uma verdadeira obrigação: cada médium deveria aprender a mastigar bem os alimentos, beber água com regularidade, respirar de forma adequada, manter a higiene interna e externa e deitar-se para dormir em horário apropriado. Também orientava a ter atenção para evitar agitações emocionais nas rela-

ções sociais, a fim de ampliar o potencial de vibração saudável, útil em todos os aspectos da vida.

Daí eu ter aberto este capítulo lembrando que nossas ações irão refletir diretamente na qualidade da parte energética/espiritual de quem somos. Um corpo debilitado, um corpo maltratado por maus hábitos, vícios e ferimentos inconsequentes desequilibra todo o conjunto. As cicatrizes que nós geramos no corpo físico poderão ficar na alma mesmo após a perda do corpo físico, dificultando nosso despertar para uma realidade mais ampla da vida no plano espiritual.



É importante registrar que, ao me referir a “corpo físico” — essa fabulosa máquina biológica com órgãos, músculos, nervos, glândulas e líquidos —, incluo, também, o conjunto da bioenergia ali presente. A eletricidade é um processo natural em todo organismo vivo, produzida por reações bioquímicas que participam, em especial, das atividades do sistema nervoso, que funciona por impulsos elétricos. Assim, há eletricidade presente desde as descargas entre neurônios no cérebro até a ativação de músculos (inclusive o coração). Ora, todo fluxo elétrico gera um campo magnético correspondente e, mesmo sendo o produzido pela bioeletricidade muito menos intenso que outros campos presentes na natureza, está sempre presente (neste livro, vamos falar bastante sobre isso).



Quando falamos em campo eletromagnético biológico, a coluna vertebral merece um destaque especial. Os espiritualistas consideram a coluna o nosso principal eixo energético, pois ela abriga a medula espinhal por onde circulam inúmeros impulsos nervosos e respectivos fluxos de bioeletricidade, que são distribuídos nos plexos nervosos. “Turbinada” pela produção mental contínua, essa intensa circulação de energia gera um campo magnético que faz com que a coluna funcione quase como uma espécie de barra imantada do corpo, fixando o “polo sul” no cérebro e o “polo norte” no cóccix, descendo até os pés, terminal de descargas de eletricidade no solo. É a esse campo, ou aura energética biomental, radiada pela fantástica máquina humana que a envolve completamente, que, resumidamente, denominamos, simplesmente, “campo bioenergético”.

Algumas correntes religiosas o chamam por “duplo etérico”, “perispírito”, “corpo vital” ou “corpo somático”. Como a prática umbandista não acrescenta muito a uma qualificação independente desse